

CANTO DA PURIFICAÇÃO

Agnes Mariano

Igreja repleta. Por volta das 21h já é impossível encontrar um lugarzinho sobrando. O padre finaliza o sermão, alguns fiéis comungam e voltam silenciosos para os seus lugares. A expectativa é grande, ninguém se move, parecem nem respirar e, então, tudo começa. Do balcão da igreja ou coro, onde se chega por uma escada muito comprida e íngreme, a música começa a jorrar. A melodia alterna momentos suaves e trágicos, enquanto as vozes masculinas do coro parecem erguer uma muralha de som. De costas para os cantores e músicos, a platéia tem a sensação de estar entrando no céu. Mas esses “anjos” têm nomes. À frente do grupo, o maestro Miguel Lima, tranqüilo, realizado, vivendo o momento com o qual sonha o ano inteiro. Entre os músicos, gente como o pitonista Edval Barreto, que, depois de 45 anos, está tocando em público pela última vez. Entre os cantores, pessoas como Jair Ferreira, há 51 anos emprestando a sua bela voz a esse espetáculo ou jovens como Erlon Portugal, que descobriu outro dia, por acaso, que podia cantar como qualquer um dos grandes tenores. Que a novena de Santo Amaro da Purificação tem algo de muito especial, é fácil de perceber. Mas para entender os motivos, é preciso paciência. Afinal, já são cerca de 150 anos de histórias e muita música, numa festa que, realmente, purifica a mente e o espírito.

“Santo Amaro é uma cidade pouco mais jovem que Salvador. Houve um período em que ela foi muito importante. Nessa época, toda família tinha pelo menos um filho que estudava música. No século XIX, um santo-amarense, Domingos Machado, compôs a peça musical que nós cantamos na novena. Só que, até hoje, alguma coisa ficou dessa época e quem cresce no meio dessa arquitetura, não tem como não herdar um pouco desse passado”, resume Erlon, 30 anos, que, como todo santo-amarense, tem a sua veia de historiador. A novena cantada e tocada faz parte da festa principal da cidade, que vai de 24 de janeiro a dois de fevereiro, dia de Nossa Senhora da Purificação. Tudo acontece em torno da igreja matriz, uma imponente construção erguida no século XVIII.

“A novena e a festa são a alma da cidade”, garante o padre José Carlos Silva, que, aos 12 anos, quando ouviu a novena pela primeira vez, decidiu se tornar padre e voltar um dia para participar daquela celebração. “Foi em 1982 que presidi pela primeira vez. Quando terminou a festa, eu chorava o tempo todo. A emoção é muito profunda”, conta ele, que foi pároco de Santo Amaro até 1993. Para ele, a beleza artística, o sentido de elevação espiritual que se manifesta durante a novena “emociona até os visitantes, mas só quem tem o sentimento dentro da alma, só quem participa da vida da cidade, das dificuldades e lutas pra tudo acontecer, entende o significado da novena para o santo-amarense”.

De fato, essa novena é cheia de desafios. No passado, o hábito era trazer a orquestra, regente e cantores de Salvador e outros lugares para cantar e tocar a peça musical composta pelo musicista, poeta, jornalista e dramaturgo Domingos de Faria Machado. “Com um estilo operístico e forte influência européia, ela lembra um pouco Donizetti e canções alemãs. No coro, só os homens cantam, como no Bonfim”, explica o maestro Miguel Lima. “As grandes figuras do mundo lírico já participaram da novena”, garantem Lima e o cantor Jair Ferreira, de 66 anos, um dos raros santo-amarenses que cantava na época. Eles citam nomes como os dos tenores Máximo Cruz e Edmundo Costa Lima, o barítono Deodato Madureira, os maestros Flávio Gomes, Artur Bastos, Del Vecchio, entre outros. “O mais importante foi o dentista Aurélio Laborda, que vinha de uma família de músicos e foi regente da novena em várias épocas diferentes”, conta Lima, que possui uma partitura de 1954 copiada pelo próprio Laborda.

Jair, que canta desde menino, cresceu acompanhando o burburinho anual em torno da novena e seus artistas, pois a cidade toda se mobilizava para a vinda dos artistas. “Tinha até loteria pra arrecadar dinheiro. Alugava-se uma casa, com cozinheira, para hospedá-los. Depois da novena, sempre tinha um sarau em algum lugar. Também, eles cantavam tudo: todas as missas e todos os dias da novena”, conta ele, que começou a aprimorar-se no coral Santa Cecília, com dona Juju Velloso, “depois fui levado pra Bahia, por Deodato. Fui aluno do Conservatório, cantei muito, fui morar no Rio, hoje sou professor de canto em Itaperuna, mas ainda venho todos os anos cantar na novena”, diz ele.

Só que, aos poucos, as coisas começaram a mudar: o dinheiro rareava, os músicos e cantores de fora se empenhavam cada vez menos. “Assisti a uma em que o pessoal não alcançava as notas”, lembra Jair. Foi aí que os santo-amarenses resolveram tomar as rédeas

do negócio para não perderem a sua querida novena. O escolhido para a árdua tarefa de regente foi Miguel Lima, que começou sua trajetória como clarinetista da Filarmônica Lira dos Artistas. “Sempre gostei de música. Ia ver a novena todos os anos, observava aqueles músicos com maior técnica, como eles executavam. Achava complicado, não entendia direito. Gostava especialmente dos solos de Otávio Freitas”, relembra ele, que não imaginava um dia ocupar o lugar de regente da novena.

O desafio foi grande. Lima reuniu músicos das filarmônicas, cantores de música popular e começou a ensaiar a música, que, por sinal, até hoje é cantada em latim. “O mais difícil é a execução. Alguns saíram por achar difícil demais. Só Jair sabia ler partitura. Os ensaios eram semanais, voz por voz, separadamente”, relembra o maestro. Em 1981, a novena estreou com nova cara e o povo, é claro, aplaudiu: “No coro, era gente morrendo de medo, a gente segurando, mas, sendo santo-amarense, o povo gostava”, diz Jair. Na verdade, mesmo na fase anterior, sempre houve a participação de alguns artistas de Santo Amaro. Um deles era o cantor Aloísio Ventura, 56 anos, o “rouxinol santo-amarense”: “Entre pra novena com 14 anos. Era o único menino. Quem me chamou foi Tuninho, que naquela época cuidava de tudo. Quando o pessoal de Salvador chegava, a gente se acoplava”, conta Aloísio, que morou muitos anos no Sudeste e gravou quatro discos. Mas foi ali, quando era apenas um garoto, que assombrou o barítono Deodato Madureira, que, depois de ouvi-lo cantar, sentou e escreveu duas cartas, uma para o governador Juracy Magalhães e outra para Dorival Caymmi, recomendando que ouvissem com carinho a voz daquele santo-amarense.

Nova fase

Hoje, ainda são os homens que dominam a cena, cantando e tocando com uma força inconfundível. Em alguns momentos, entretanto, o acento doce e dengoso das mulheres do Recôncavo se faz presente, nas vozes das senhoras do coral Santa Cecília, que respondem cantando as ladainhas. Eles, lá no alto, no coro. Elas, na parte de baixo, próximas ao altar. Como num namoro às escondidas, nem se olham, mas juntos dão um charme todo especial à novena de Santo Amaro. Claro que, algumas garotas mais jovens e afoitas burlam as antigas regras e acompanham os músicos bem de pertinho, sentadas nas imensas janelas do balcão da igreja, que, nesse dia de festa, ficam completamente abertas. Elas até podem sonhar em um dia fazer parte do espetáculo, mas é pura ilusão. “A novena foi escrita para vozes masculinas. Uma vez ou outra se colocou uma mulher, mas elas não alcançam a

altura dos tenores”, explica o maestro Miguel Lima. O consolo é que, nessa noite, em que as estrelas são todas masculinas, os homens de Santo Amaro exibem, através da música, todo o vigor e suavidade de que são capazes.

Alguns não tiram os olhos da partitura. Outros, não perdem o maestro de vista. Aloísio, distraído, olha para o teto; Erlon estica as sombrancelhas; Renato Dória mal contém a emoção quando chega a hora do seu solo. Lá em baixo, ao lado de dona Canô Velloso – muito elegante num vestido azul escuro - o músico, compositor e cantor santo-amarense Caetano Velloso acompanha tudo atentamente. Dona Canô, que sempre foi apaixonada por música e organizava apresentações folclóricas, explica que “para todo santo-amarense que se preza, a novena é um grande evento”. Já Caetano, que há vários anos vem dando uma generosa contribuição financeira à festa, não resistiu a compor um hino para a festa: “O primeiro hino pra Nossa Senhora da Purificação foi de Carlos Sepúlveda e este segundo, de Caetano, já está caindo no gosto popular. Cantamos ele na missa do dia dois, mas daqui a pouco vamos ter que cantar também na novena”, arriscam Jair e Miguel.

Na orquestra, ainda há alguns músicos de Salvador - estudantes da Ufba ou membros da orquestra sinfônica - tocando os violinos e alguns outros instrumentos. Mas a maioria dos músicos é mesmo de Santo Amaro. Pessoas como o sergipano Ademar Cruz, 59 anos, que, além de músico e professor de música, é contabilista. Ele faz parte da nova safra de músicos e cantores convidados por Miguel Lima para participar do grupo há 22 anos: “Enquanto vida eu tiver, fico por aqui. Também sou da Lira dos Artistas. A música da novena é difícil, mas nós já estamos acostumados, é preciso ter atenção”, explica. A remuneração existe, mas é simbólica. Este ano foi de R\$30 por noite. O principal, acredita Cruz, “é o desejo de cada um de nós de não deixar cair, é o amor pela novena”.

Outros integrantes que também chegaram há 22 anos foram os cantores Renato Dória e Nailton Oliveira Santos. Para Renato, 47 anos, que faz o primeiro solo, “canto a primeira jaculatória”, não existe música sacra tão bonita como a que se canta em Santo Amaro: “Essa é a mais bela existente no mundo”. Mais comedido, apesar de igualmente dedicado, o cantor Nailton, de 54 anos, é um dos poucos que sobrevive da sua arte: “Tenho um grupo com meus filhos. A gente faz de tudo: vai em igrejas, serestas, canta lambada, pagode, Djavan, Caetano, forró”. Um mês antes da novena, Nailton pára de tomar líquidos gelados, porque “se você facilitar, não tem condições de cantar. Não é fácil não. Faço a segunda voz,

que é independente da primeira e puxa muito pela voz, é muito alta”, diz ele, que começou a cantar no sistema de alto-falante da cidade aos nove anos, fez shows pelo interior, representou a Bahia no Programa do Chacrinha cantando “Tudo passará”, de Nelson Ned, e chegou a gravar um compacto.

A novena faz parte de uma grande festa, a de Nossa Senhora da Purificação. No passado, o dois de fevereiro em Santo Amaro tinha um certo tom de festa medieval. A cidade se enchia de visitantes: “As famílias dos destacados elementos dos proprietários de terras, dos chamados ‘senhores de engenhos’, ora em carros de bois, em gôndolas, em ‘liteiras fechadas com cortinas azuis’”, conta Gustavo Viana, num artigo de 1945. O “bando anunciador” era um dos pontos altos da festa: “A ele concorriam todos os representantes da fidalguia rural, ostentando cada qual as mais vistosas montarias e os mais valiosos indumentos”, acrescenta ele. Para o povo, o número preferido era a lavagem, principalmente quando começou a haver a participação da “Música da Chapada”, feita pelos negros de dona Calú, conta Viana. Ainda hoje, há muito desses velhos tempos em Santo Amaro, onde é possível encontrar até quem tenha em casa um autêntico exemplar do maior símbolo das relações naquela época: “Otávio tem uma escritura de escravo em casa”, conta João Rodrigues, um dos mais dedicados entre os historiadores diletantes da região. Mas, felizmente, a hierarquia e formalidade que os antigos tanto prezavam, já ganhou novos contornos. Hoje, a parte profana da festa é semelhante aos shows de rua e festas de largo de Salvador, com a vantagem de ser mais familiar e tranqüila. A modernidade está chegando também até a novena, que tem como uma das suas grandes promessas um rapaz que usa brincos: Erlon Portugal, 30 anos.

“Sempre gostei de música, meu pai ouvia muita seresta e eu cresci ouvindo isso. Quando tinha uns 25 anos, comprei nas bancas alguns cds de música sacra: Bach, Vivaldi, Hendel. Comecei a ouvir e a gostar. Depois ouvi os tenores, como Bocelli e surpreendentemente descobri que conseguia alcançar aquelas notas sem sacrifícios”, narra Erlon. Como alguns santo-amarenses da sua geração, ele não acompanhava a novena com muita atenção, “ouvia pelo alto-falante, mas não compreendia, não tinha contato suficiente”, até que seu pai comprou o cd do novenário, gravado no final da década de 90. “Para minha surpresa, vi a qualidade daquilo, que era feito na minha terra, comecei a decorar e a cantar junto”. Apesar de ter conseguido atrair a atenção de Erlon e outras pessoas para a novena, este cd não foi

ainda a gravação tão sonhada pelo coro e músicos da novena, pois, privilegiando a parte técnica, ele foi feito em Salvador com músicos, cantores e até regente diferentes dos que fazem a novena de fato. Polêmicas a parte, Erlon foi se aproximando da novena, acabou sendo chamado para cantar e, no segundo ano, já ganhou um solo. Com a ajuda de amigos e até da prefeitura, ele hoje está se profissionalizando em Salvador, onde estuda canto na Faculdade de Música da Ufba e participa da Companhia de Canto da Bahia. De cantores líricos experientes, o rapaz já ouviu que a sua voz pesada de tenor lírico spinto é rara e especial. Sem pressa, sem medo e com a ajuda de Nossa Senhora da Purificação, ele acredita que dá até para sonhar com vãos musicais bem altos, lá no topo, onde só quem canta são os anjos e as estrelas.

Lenda do Recôncavo

Durante muito tempo, acharam que ele fosse apenas uma lenda do recôncavo baiano. Hoje, entretanto, ninguém mais duvida: o desbocado, sensível e brilhante santo-amarense Domingos de Faria Machado realmente existiu. Vivendo num período especialmente conturbado - a primeira metade do século XIX, com as desavenças entre brasileiros e portugueses, Partido Liberal e Partido Conservador -, esse jornalista, poeta, músico e compositor teve tantos admiradores quanto inimigos. Apenas uma comprovação de que, da arte à política, Faria Machado se envolveu com paixão em tudo o que fez. Do seu trabalho como músico, a obra-prima foi a peça musical composta para a novena de Nossa Senhora da Purificação que, até hoje, encanta quem a ouve.

A trajetória de Machado começou com dificuldades: “Filho único de Ana Rita de Jesus e órfão de pai. Tendo feito seus primeiros estudos em Santo Amaro, quis no entanto continuá-lo na capital”, onde trabalhou como músico, para pagar o Colégio São Miguel e ajudar a mãe viúva, conta a professora de Literatura Brasileira da Universidade Católica da Bahia Lizir Arcanjo Alves, no livro “O patriota de Santo Amaro”. Segundo o padre Eutychio, diretor do Colégio, em sua passagem por lá, o rapaz demonstrou ter “capacidade intelectual em subido grau”. Conseguiu assim prestar exames para a Academia de Medicina, sendo aprovado, mas como não tinha como se manter em Salvador e pagar o

curso, voltou a Santo Amaro, passando a sobreviver como professor de Gramática, Filosofia, Aritmética, Geometria e Música.

Foi a partir daí que a sua carreira de jornalista e poeta ganhou maior fôlego. Naquela época, o ambiente político andava especialmente carregado e os jornais eram arenas de guerra. Como colaborador, redator ou diretor, Machado se envolveu com vários, como “O Rabeco”, “O ramalhete” “O liberal”, “O patriota” e “O Argos Sant’amarense”. Este último, criado em 1850, assim como outros “Argos” que existiram, tinha como objetivo: “Defender a nacionalização do comércio, diminuir a influência dos portugueses na vida nacional, o estrangeirismo em geral e promover o desenvolvimento das províncias do Norte”, conta a professora Alves, que transcreve um dos poemas de Machado: “Não há pincel que retrate / Do Brasil a sorte horrível / Mas, os ais do pai sensível / O choro da mãe marte / Os impostos doutra parte / Que ao rico, ao pobre derrota / A indústria, a lavoura morta / O comércio, as artes baldas / Provam, co’leis violadas / O quanto o Brasil suporta”.

A “ousadia e destempero” dos seus poemas, entretanto, tiveram troco. Machado foi alvo de perseguições e campanhas difamatórias, como a promovida pelo jornaleco “O rabecão” e quase foi “recrutado como soldado, estratégia que o governo usava à época para tirar do campo de ação adversários mais incômodos”, conta Alves. Ele escapou por pouco, mas o diretor do jornal “Argos Sant’amarense”, Major Domingues, chegou a ser preso por publicar denúncias sobre a conivência do presidente da Província da Bahia com o contrabando ilegal de escravos.

Mas, nem só de artigos, versos e engajamento na vida política e cultural de Santo Amaro viveu Faria Machado, que produziu sonetos apaixonados, religiosos e laudatórios, que chegou publicar em dois livros. Depois de alguns anos voltou a morar em Salvador. Há notícias dele “como acadêmico, compondo valsas e outras peças musicais para acompanhamento das obras teatrais no teatro São João”, conta Alves, acrescentando que não foram poucos os elogios ao seu trabalho nos jornais da época. Músico talentoso que, quando buscava clientes, anunciava poder ensinar qualquer instrumento, Machado era um especialista na rabeca, uma espécie de violino.

Como compositor, o seu nome se imortalizou principalmente pela peça em estilo operístico composta para a famosa novena de Santo Amaro, apesar dele mesmo satirizar o assunto num de seus poemas: “Cá no Brasil fui nascido / Sem ser na Itália instruído / Não posso ser

inspirado”. Com texto em latim, a peça foi composta para três tipos de vozes masculinas, que se revezam no coro e em pequenos solos, com acompanhamento de uma orquestra. Apesar dessa obra ser o grande orgulho dos santo-amarenses, que durante décadas financiaram a participação de alguns dos melhores regentes e cantores líricos do país na novena, o nome do autor permanecia no esquecimento até pouco tempo atrás. O que talvez não fosse um fato casual, pois a sua trajetória brilhante e conturbada teve um final misterioso, em 1872, como narrou Manuel Querino: “Faleceu subitamente em uma farmácia, depois de ter ingerido um copo d’água: atribui-se esse fato a envenenamento”. Uma dúvida que permanecerá para sempre, pois, de certo e confirmado, só se sabe mesmo que Domingos Faria Machado viveu intensamente.

Rouxinol de Santo Amaro

Ele tinha apenas sete anos quando cantou para uma platéia pela primeira vez. A voz do menino deslumbrou a cidade e ele nunca mais esqueceu o palco. Ganhou o concurso na primeira, segunda e terceira vez em que participou. "Quando voltei na quarta vez, não deixaram eu me inscrever e passei a ser a atração", lembra o cantor santão-amarense Aloísio Ventura de Castro. Em seus 56 anos bem vividos, entre a Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, o "Gargantinha de Ouro" ou "Rouxinol Santo-amarense", como era chamado, cantou em festas, clubes, boates, igrejas, programas de rádio, de televisão e gravou quatro discos. Esteve a um passo do estrelato, que não veio, mas encontrou forças para continuar cantando. Ele sabe que nasceu com um dom importante, acima da glória e da riqueza. Tanto que ainda chora, emocionado, quando lembra do discurso de um amigo poeta que, comparando o seu canto aos salmos de Davi, afirmou "que pediria a Deus para ouvir a minha voz quando estivesse passando para o outro lado".

A música sempre foi um assunto de extrema importância para os santo-amarenses, assim, não faltou apoio ao pequeno Aloísio, quando, na década de 50, ele começou a cantar. Era muito comparado com o "menino espanhol Roselito, que fazia sucesso cantando", lembra. Entrou para o grupo Celenibelus e depois para o grupo folclórico Guarani, onde dividia o palco com outros jovens artistas santo-amarenses, entre eles, Maria Bethânia: "Nos apresentamos na TV Itapoan e ganhamos o prêmio". Com 14 anos, foi chamado para

integrar o seletor coro da Novena da Purificação e cantava nas festas dos clubes Lions e Rotary da região.

"Em três anos namorei 55 meninas, mas não descabacei nenhuma e nunca deixei de amá-las", diz ele, que, com 17 anos, depois de causar furor em Santo Amaro e municípios próximos, resolveu tentar a sorte em São Paulo. "Lá, trabalhei três anos e meio como vendedor de livros. Me empolguei, ia em colégios, fábricas, casas, fui até à TV", conta ele. Ao mesmo tempo, começou a cantar nas boates da galeria Metrôpole: "Foi lá que conheci Roberto Robson, Beto, que tinha uma belíssima voz e formamos a dupla Loy e Beto". Um conhecido vivia prometendo uma oportunidade para os dois aparecerem na TV, até que, cansado de esperar, Aloísio reuniu suas economias e foi para o Rio de Janeiro, em 1968.

"Consegui marcar no programa de calouros da TV Rio. Voltei pra São Paulo, peguei Beto e fomos no ônibus ensaiando o bolero Maria Helena, que transformamos em iê-iê-iê". É claro, os dois ganharam o concurso. Eles procuraram então a poderosa TV Tupi: "Nos colocaram pra cantar numa sala, na mesma hora ligaram pra Osvaldo Cadaxo, da gravadora Equipe e cantamos pra ele no telefone. No mesmo dia assinamos contrato com Cadaxo, no outro dia entramos no estúdio e uma semana depois a dupla já estava nas rádios". Passaram por todas as rádios e TVs, mas descobriram que o poder dos magnatas estava acima do talento: "A dupla acabou por causa de José Messias, da TV Continental. Ele se chateou comigo, porque elogiei um grupo que ele não gostava e não colocou mais a gente na programação. Beto ficou apavorado e voltou para São Paulo, me deixando na mão". Foi aí que apareceu Lupércio, cantor e motorista de praça, querendo ajuda de Loy e Beto, que estavam começando a ficar famosos. Na falta de Beto, nasceu a dupla Lup e Loy, que chegou a gravar um disco pela RGE-SP, mas eles se desentenderam e a dupla acabou.

Desacreditado

Aloísio continuou rondando a CBS por um bom tempo, "e eles me esnobando", conta. "Continuei cantando na noite, acabei me tornando alcoólatra e fiquei meio desacreditado", narra o cantor. Voltou para Santo Amaro e, quando já estava até esquecido de tudo, alguém ouviu um recado para ele na Rádio Cultura, de Salvador. "Ari Clodovil tinha assumido como produtor na CBS e estava mandando me chamar". Lá foi ele novamente para o Rio. Em 1970, saiu o disco solo, com a sua adaptação de "Maria Mariazinha", uma música do cancionero popular. "Mas eles não me deram divulgação nenhuma, estavam voltados só

pra Roberto Carlos. Tanto que Odair José pediu rescisão de contrato, foi pra outra gravadora e estourou. Eu ainda fiz mais um disco". Em 74, ele viu Franco Xavier regravar "Maria Mariazinha" e estourar no país. Foram mais de 12 regravações dessa canção, como a de Alípio Martins, que fez sucesso até no Japão, Estados Unidos e Europa.

Então, Aloísio voltou de vez para Santo Amaro. Primeiro, tratou de se libertar completamente do álcool. "Já são 19 anos abstinência desse flagelo da humanidade", diz ele, com orgulho. Passou a cantar só eventualmente, para amigos e em serestas. Casado e com dois filhos, ele chegou a ter uma creche, onde cuidou de muitas crianças. "Eu não gosto de criança não, eu sou uma", garante ele. Brincalhão e moleque, Aloísio nunca deixou de ser. Não demonstra saudosismo nem quando lembra que "Deodato Madureira, quando me ouviu cantar, sentou e escreveu uma carta me apresentado a Dorival Caymmi, mas nunca entreguei a carta, porque a enchente levou". Também nunca deixou de cantar, com perfeccionismo, no seletor coro da Novena de Santo Amaro: "É porque sou um amante de Deus e não canto pra ele com imperfeição", garante o Rouxinol de Santo Amaro.

DOMINGOS MACHADO / PERFIL

Durante muito tempo, acharam que ele fosse apenas uma lenda do recôncavo baiano. Hoje, entretanto, ninguém mais tem dúvidas: o desbocado, sensível e brilhante santo-amarense Domingos de Faria Machado realmente existiu. Vivendo num período especialmente conturbado - a primeira metade do século XIX, com as desavenças entre brasileiros e portugueses, Partido Liberal e Partido Conservador -, esse jornalista, poeta, músico e compositor teve tantos admiradores quanto inimigos. Apenas uma comprovação de que, da arte à política, Faria Machado se envolveu com paixão em tudo o que fez. Do seu trabalho como músico, a obra-prima foi a peça musical composta para a novena de Nossa Senhora da Purificação que, até hoje, encanta quem a ouve.

A trajetória de Machado começou com dificuldades: "Filho único de Ana Rita de Jesus e órfão de pai. Tendo feito seus primeiros estudos em Santo Amaro, quis no entanto continuá-lo na capital", onde trabalhou como músico, para pagar o Colégio São Miguel e

ajudar a mãe viúva, conta a professora de Literatura Brasileira da Universidade Católica Lizir Arcanjo Alves, no livro “O patriota de Santo Amaro”. Segundo o padre Eutychio, diretor do Colégio, em sua passagem por lá, o rapaz demonstrou ter “capacidade intelectual em subido grau”. Conseguiu assim prestar exames para a Academia de Medicina, sendo aprovado, mas como não tinha como manter-se em Salvador e pagar o curso, voltou a Santo Amaro, passando a sobreviver como professor de Gramática, Filosofia, Aritmética, Geometria e Música.

Foi a partir daí que a sua carreira de jornalista e poeta tomou maior fôlego. Naquela época, o ambiente político andava especialmente carregado e os jornais eram arenas de guerra. Como colaborador, redator ou diretor, Machado se envolveu com vários, como “O Rabeco”, “O ramallete” “O liberal”, “O patriota” e “O Argos Sant’amarense”. Este último, criado em 1850, assim como outros “Argos” que existiram, tinha como objetivo: “Defender a nacionalização do comércio, diminuir a influência dos portugueses na vida nacional, o estrangeirismo em geral e promover o desenvolvimento das províncias do Norte”, conta a professora Alves, que transcreve um dos poemas de Machado: *“Não há pincel que retrate / Do Brasil a sorte horrível / Mas, os ais do pai sensível / O choro da mãe marte / Os impostos doutra parte / Que ao rico, ao pobre derrota / A indústria, a lavoura morta / O comércio, as artes baldas / Provam, co’leis violadas / O quanto o Brasil suporta”*.

A “ousadia e destempero” dos seus poemas, entretanto, tiveram troco. Machado foi alvo de perseguições e campanhas difamatórias, como a promovida pelo jornaleco “O rabeção” e quase foi “recrutado como soldado, estratégia que o governo usava à época para tirar do campo de ação adversários mais incômodos”, conta Alves. Ele escapou por pouco, mas o diretor do jornal “Argos Sant’amarense”, Major Domingues, chegou a ser preso por publicar denúncias sobre a conivência do presidente da Província da Bahia com o contrabando ilegal de escravos.

Mas, nem só de artigos, versos e engajamento na vida política e cultural de Santo Amaro viveu Faria Machado, que produziu sonetos apaixonados, religiosos e laudatórios, que chegou publicar em dois livros. Depois de alguns anos voltou a morar em Salvador. Há notícias dele “como acadêmico, compondo valsas e outras peças musicais para acompanhamento das obras teatrais no teatro São João”, conta Alves, acrescentando que não foram poucos os elogios ao seu trabalho nos jornais da época. Músico talentoso, que,

quando buscava clientes, anunciava poder ensinar qualquer instrumento, Machado era um especialista na rabeça, uma espécie de violino.

Como compositor, o seu nome se imortalizou principalmente pela peça em estilo operístico composta para a famosa novena de Santo Amaro, apesar dele mesmo satirizar o assunto num de seus poemas: “*Cá no Brasil fui nascido / Sem ser na Itália instruído / Não posso ser inspirado*”. Com texto em latim, a peça foi composta para três tipos de vozes masculinas, que se revezam no coro e em pequenos solos, com acompanhamento de uma orquestra. Apesar dessa obra ser o grande orgulho dos santo-amarenses, que durante décadas financiaram a participação de alguns dos melhores regentes e cantores líricos do país na novena, o nome do autor permanecia no esquecimento até pouco tempo atrás. O que talvez não fosse um fato casual, pois a sua trajetória brilhante e conturbada teve um final misterioso, em 1872, como narrou Manuel Querino: “Faleceu subitamente em uma farmácia, depois de ter ingerido um copo d’água: atribui-se esse fato a envenenamento”. Uma dúvida que permanecerá para sempre, pois, de certo e confirmado, só se sabe mesmo que Domingos Faria Machado viveu intensamente.

GARGANTINHA DE OURO / PERFIL

Ele tinha apenas 7 anos quando cantou para uma platéia pela primeira vez. A voz do menino deslumbrou a cidade e ele nunca mais esqueceu o palco. Ganhou o concurso na primeira, segunda e terceira vez em que participou. "Quando voltei na quarta vez, não deixaram eu me inscrever e passei a ser a atração", lembra o cantor santo-amarense Aloísio Ventura de Castro. Em seus 56 anos bem vividos, entre a Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, o "Gargantinha de Ouro" ou "Rouxinol Santo-amarense", como era chamado, cantou em festas, clubes, boates, igrejas, programas de rádio, de televisão e gravou quatro discos. Esteve a um passo do estrelato, que nunca veio, mas encontrou forças para continuar cantando. Ele sabe que nasceu com dom importante, acima da glória e da riqueza. Tanto que ainda chora, emocionado, quando lembra do discurso de um amigo poeta que,

comparando o seu canto aos salmos de Davi, afirmou "que pediria a Deus para ouvir a minha voz quando estivesse passando para o outro lado".

A música sempre foi um assunto de extrema importância para os santo-amarenses, assim, não faltou apoio ao pequeno Aloísio, quando, na década de 50, ele começou a cantar. Era muito comparado com o "menino espanhol Roselito, que fazia sucesso cantando", lembra. Entrou para o grupo Celenibelus e depois para o grupo folclórico Guarani, onde dividia o palco com outros jovens artistas santo-amarenses, entre eles, Maria Bethânia: "Nos apresentamos na TV Itapoan e ganhamos o prêmio". Com 14 anos, foi chamado para integrar o seletor coro da Novena da Purificação e cantava nas festas dos clubes Lions e Rotary da região.

Chance na TV

"Em três anos namorei 55 meninas, mas não descabacei nenhuma e nunca deixei de amá-las", diz ele, que, com 17 anos, depois de causar furor em Santo Amaro e municípios próximos, resolveu tentar a sorte em São Paulo. "Lá, trabalhei três anos e meio como vendedor de livros. Me empolguei, ia em colégios, fábricas, casas, fui até à TV", conta ele. Ao mesmo tempo, começou a cantar nas boates da galeria Metrópole: "Foi lá que conheci Roberto Robson, Beto, que tinha uma belíssima voz e formamos a dupla Loy e Beto". Um conhecido vivia prometendo uma oportunidade para os dois aparecerem na TV, até que, cansado de esperar, Aloísio reuniu suas economias e foi para o Rio de Janeiro, em 1968.

"Consegui marcar no programa de calouros da TV Rio. Voltei pra SP, peguei Beto e fomos no ônibus ensaiando o bolero Maria Helena, que transformamos em iê-iê-iê". É claro, os dois ganharam o concurso. Eles procuraram então a poderosa TV Tupi: "Nos colocaram pra cantar numa sala, na mesma hora ligaram pra Osvaldo Cadaxo, da gravadora Equipe e cantamos pra ele no telefone. No mesmo dia assinamos contrato com Cadaxo, no outro dia entramos no estúdio e uma semana depois a dupla já estava nas rádios". Passaram por todas as rádios e TVs, mas descobriram que o poder dos magnatas estava acima do talento: "A dupla acabou por causa de José Messias, da TV Continental. Ele se chateou comigo, porque elogiei um grupo que ele não gostava e não colocou mais a gente na programação. Beto ficou apavorado e voltou para São Paulo, me deixando na mão".

Foi aí que apareceu Lupércio, cantor e motorista de praça, querendo ajuda de Loy e Beto, que estavam começando a ficar famosos. Na falta de Beto, nasceu a dupla Lup e Loy, que chegou a gravar um disco pela RGE-SP, mas eles se desentenderam e a dupla acabou.

Desacreditado

Aloísio continuou rondando a CBS por um bom tempo - "e eles me esnobando". "Continuei cantando na noite, acabei me tornando alcoólatra e fiquei meio desacreditado". Voltou para Santo Amaro e, quando já estava até esquecido de tudo, alguém ouviu um recado para ele na Rádio Cultura, de Salvador. "Ari Clodovil tinha assumido como produtor na CBS e estava mandando me chamar". Lá foi ele novamente para o Rio. Em 1970, saiu o disco solo, com a sua adaptação de Maria Mariazinha, uma música do cancionista popular. "Mas eles não me deram divulgação nenhuma, estavam voltados só pra Roberto Carlos. Tanto que Odair José pediu rescisão de contrato, foi pra outra gravadora e estourou. Eu ainda fiz mais um disco". Em 74, ele viu Franco Xavier regravar Maria Mariazinha e estourar no país. Foram mais de 12 regravações dessa canção, como a de Alípio Martins, que fez sucesso até no Japão, Estados Unidos e Europa.

Então, Aloísio voltou de vez para Santo Amaro. Primeiro, tratou de se libertar completamente do álcool - "já são 19 anos abstinência desse flagelo da humanidade", diz ele, com orgulho. Passou a cantar só eventualmente, para amigos e em serestas. Casado e com dois filhos, ele chegou a ter uma creche, onde cuidou de muitas crianças. "Eu não gosto de criança não, eu sou uma", garante ele.

Brincahã e moleque, Aloísio nunca deixou de ser. Não demonstra saudosismo nem quando lembra que "Deodato Madureira, quando me ouviu cantar, sentou e escreveu uma carta me apresentado a Dorival Caymmi, mas nunca entreguei a carta, porque a enchente levou". Também nunca deixou de cantar na Novena de Santo Amaro, com perfeccionismo: "É porque sou um amante de Deus e não canto pra ele com imperfeição", garante o Rouxinol de Santo Amaro.

(Fevereiro de 2001)

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.